

Identidades de gênero e identidades discursivas: estudo sobre a construção do *ethos* das pessoas trans

Camille Guichard-Libersac
Université Bordeaux Montaigne, França
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

O presente artigo tem por objetivo estudar as representações sociais (endógenas e exógenas) das pessoas que se identificam como trans e, mais especificamente, o impacto social da afirmação (*coming out*) de uma identidade trans nesses indivíduos.

Percebidos e colocados no discurso como "fora" das normas sociais de gênero - da cisnormatividade¹ -, esses indivíduos tentam fazer com que os seus direitos de ser e de evoluir sejam respeitados através do contradiscurso dentro das nossas sociedades, que se esforçam para uniformizar os indivíduos, padronizando as suas identidades. A atribuição da identidade de gênero funciona como um modelo que pré-constrói a nossa identidade antes mesmo de nascermos e que, por isso, não poderia ser alterado:

Quando o médico ou a parteira olham para a ecografia e dizem "é um rapaz" ou "é uma rapariga", estão a enunciar e, portanto, a produzir uma realidade anatômica que desencadeia expectativas normativas e possíveis cursos de ação (escolha do nome, cor do quarto, roupas, etc.). É, portanto, através da linguagem que as crianças se constituem como sujeitos de gênero, e é sempre através e na linguagem que se faz uma leitura normativa da inteligibilidade dos corpos (Greco, 2012, p. 1, tradução nossa)².

¹ Sistema baseado na presunção de que todos os indivíduos são cisgêneros, ou seja, de que sua identidade de gênero corresponde ao gênero atribuído ao nascimento.

² No original: "Quand le médecin ou la sage-femme disent en regardant l'échographie "c'est un garçon" ou "c'est une fille", ils énoncent et, ainsi, produisent une réalité anatomique qui déclenche des attentes

Essa "leitura normalizada da inteligibilidade dos corpos" evocada por Greco (2012) nos impede de conceber o gênero fora do modelo binário (masculino ou feminino) e hierarquizante, definido pelo sexo biológico do indivíduo. A transidentidade, que se refere à não identificação com o gênero atribuído no nascimento, afeta o sistema cisnormativo, pois reúne tanto os indivíduos que se identificam com o gênero oposto ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento (e que, portanto, se identificam com a norma binária, mas não com o cisgênero), quanto os indivíduos que não se identificam com nenhum dos gêneros (identidades não binárias)³.

Isto posto, interessa-nos entender como a identidade discursiva de um indivíduo é formada quando ele afirma sua identidade trans - particularmente, durante a transição de gênero - em relação a diferentes contextos enunciativos.

Para constituição do corpus, foram realizadas entrevistas semidirecionadas em duas cidades: São Paulo (Brasil) e Bordeaux (França). Mais do que uma abordagem comparativa, este estudo qualitativo tem como objetivo documentar possíveis representações de identidade.

Partimos do ponto de vista da Linguística para o Desenvolvimento Social (Zougbo, 2022), para realizar um levantamento - por meio da linguagem, da memória e da identidade cultural - de representações sociais de comunidades vulneráveis, visando melhorar as condições de vida dos indivíduos, concebendo a linguagem não como "objeto de ações de desenvolvimento", mas como um "instrumento para intervir na sociedade" (Agresti, 2022, p. 41).

Desse modo, investigamos os mecanismos de inclusão e de exclusão que as pessoas trans enfrentam por meio de sua experiência de vida, a fim de avaliar o impacto das normas sociais de gênero em sua autodefinição por meio da análise de elementos endógenos (a comunidade trans como ela se percebe) e exógenos (a comunidade trans como ela é percebida).

Para aprofundar nossa reflexão sobre a construção da identidade e do pertencimento, concentrar-nos-emos, neste artigo, em dois pontos de conflito, a fim de trazer à tona essa dinâmica em diferentes níveis:

normatives et des trajectoires d'actions possibles (choix du prénom, de la couleur de la chambre, des vêtements, etc.). C'est donc grâce au langage que l'enfant est constitué-e en tant que sujet genré-e et c'est toujours par et dans le langage qu'une lecture normée de l'intelligibilité des corps est effectuée."

³ Fluidos, agêneros etc. Existe uma lista não exaustiva dessas identidades.

- Sociedade cisnormativa;
- Pessoas que se identificam com o grupo trans (T).

Este artigo foi dividido em duas partes. Primeiro, apresentamos nossa metodologia de pesquisa e suas limitações, usando a noção de "saberes localizados" de Haraway (1988) para contextualizar os resultados de nossa análise. Em seguida, em nossa análise das variações diafásicas e diacrônicas, trabalhamos com as noções de *ethos* de Auchlin (2001) e de Maingueneau (2002), com a apropriação de recursos multissemióticos de Goffman (1973), da formação de identidades sociais e discursivas de Charaudeau (2009) e da identidade polifônica de Barrett (1999).

1 Metodologia de pesquisa e limitações do estudo

Nosso corpus de análise é composto por narrativas de vida contadas durante entrevistas semidirigidas, realizadas como parte do trabalho de pesquisa de doutorado. Realizamos 12 entrevistas (com 6 mulheres, 3 homens, e 3 não binários) e optamos por selecionar exemplos que são particularmente representativos para este artigo. As pessoas entrevistadas são adultos (com idades entre 18 e 73 anos) que se identificam como trans (masculino, feminino e não binário) e que já passaram por várias mudanças em suas relações interpessoais desde o início da transição ou do *coming out*.

Todas nasceram e foram criadas nos países onde a entrevista foi realizada, e sua língua materna corresponde ao idioma oficial desses países: português no Brasil e francês na França "hexagonale"⁴. Desse modo, as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora em suas línguas maternas.

Os macro temas do guia de entrevista foram definidos de modo a manter uma certa cronologia nos relatos, começando com o início da vida (relacionamentos familiares e amizades, personalidade e destaques da infância) antes de passar para a descoberta e para a afirmação da identidade de gênero:

⁴ Estamos nos referindo aqui à parte continental da França, sem incluir os territórios e departamentos ultramarinos.

1. Apresentação de si mesmo;
2. infância;
3. identidade de gênero;
4. experiência escolar;
5. mundo profissional;
6. transidentidade na sociedade brasileira/francesa;
7. perguntas ou comentários.

O objetivo é focar o discurso do sujeito em suas experiências familiares e pessoais (interações privadas) antes de abordar o confronto com órgãos normativos (carreira escolar, mundo profissional, transidentidade na sociedade).

Essa metodologia apresenta certas limitações na coleta do corpus, bem como na análise dos dados.

Partimos da premissa de que, como discutiu a bióloga Donna Haraway (1988), não existe objetividade científica absoluta, mas é possível otimizar o nível de objetividade da pesquisa levando em conta "saberes localizados", ou seja, a situação e as circunstâncias em que o conhecimento foi produzido. Isso significa questionar os recursos materiais e conceituais mobilizados; o contexto social, econômico, cultural e histórico no qual a pesquisa está enraizada; e também a posição da pesquisadora e os limites de sua visão como observadora.

Haraway (1988, p. 589, tradução nossa) critica o modo objetivo de observação do pesquisador, que se forja como uma "visão de cima, vinda de lugar nenhum"⁵, supostamente, mais legítima e mais "neutra", mas que torna o sujeito totalmente invisível. Essa invisibilidade, por sua vez, não é objetiva e impede que o pesquisador questione o impacto e os vieses de sua própria visão, que não podem ser ignorados ou totalmente apagados. Dessa forma, esta pesquisadora defende o que chama de "perspectiva parcial"⁶, uma visão que o pesquisador sabe ser incompleta, porque está ciente de suas próprias

⁵ No original: "view from above, from nowhere"

⁶ No original: "partial perspective"

limitações e das relações de poder que entram em jogo tanto em sua abordagem de campo quanto na análise de seus dados.

Dialogamos com Haraway (1988) para definir, no contexto deste estudo, como o perfil da pesquisadora interage com o do público escolhido.

Para tanto, é preciso determinar os níveis em que as relações de poder podem operar, a fim de entender nosso trabalho de uma perspectiva parcial e estar ciente do impacto de nosso posicionamento (aceitando, ao mesmo tempo, que certos vieses podem não nos ser perceptíveis).

A primeira fonte de assimetria na análise de nosso corpus decorre da identidade de gênero das pessoas entrevistadas: sejam elas trans binários ou não binários, elas não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Como esta pesquisa está sendo realizada por uma mulher cisgênero, não se pode ignorar que os impactos sociais e os mecanismos de identidade envolvidos nunca foram vivenciados e não podem ser vivenciados pela pesquisadora.

Em segundo lugar, podemos destacar o impacto da dinâmica comunitária desse grupo, ligada à comunidade LGBTQIAPN+ (adesão materializada pela letra T na sigla), que agrupa de forma mais ampla todos os indivíduos cuja identidade de gênero ou orientação sexual não é cisnormativa nem heteronormativa. Pertencer a essa comunidade representa, pelo menos simbolicamente, uma luta comum pelo respeito e pelo reconhecimento dos direitos desses indivíduos, que são discriminados por sua identidade de gênero ou orientação sexual. O fato de não pertencermos a essa comunidade limita nossa compreensão e interpretação de alguns dos fenômenos que estamos estudando.

Esse também é o caso de nossas entrevistas com minorias raciais. Como a discriminação racial se desenvolve na interseccionalidade com o gênero e com a sexualidade, ela desempenha um papel importante na dinâmica de inclusão e de exclusão das pessoas envolvidas.

Ao coletar nosso corpus no Brasil, tivemos que levar em conta dois elementos adicionais: a cultura de origem e o idioma da comunicação.

Como pesquisadora francesa cuja língua materna não é o português, a percepção das pessoas entrevistadas sobre o nosso perfil é particularmente

relevante. Apesar de possíveis mal-entendidos ou imprecisões nas trocas devido a diferenças culturais e linguísticas, encontramos, nessas, algumas vantagens também.

A antecipação de mal-entendidos levou-lhes a serem mais explícitas sobre o que estavam dizendo (definições, contexto cultural, político e social, etc.), revertendo a relação de poder⁷ que geralmente existe, em que a pesquisadora se posiciona como detentora do conhecimento e considera a pessoa entrevistada como um mero informante.

Podemos exemplificar esse tipo de explicação com B.1, que contextualiza uma classificação socioeconômica específica do Brasil:

Nasci numa família [...] classe média baixa que a gente chama aqui no Brasil, hoje em dia seria a classe D seria nem classe C, mas seria classe D.

B.5 também é um exemplo, que perguntou explicitamente à pesquisadora se ela conhecia o nome da pessoa que acabara de mencionar:

[...] por exemplo aqui no Brasil a gente tem uma atriz famosa que a Fernanda Montenegro /... você já ouviu falar dela /... é uma atriz de cinema da televisão teatro enfim o nome dela não é Fernanda Montenegro o nome dela é outro ela inventou este nome.

Por fim, nessa última entrevista, B.5, embora supondo que o contexto francês possa ser semelhante ao brasileiro, faz uma descrição detalhada de sua visão das diferentes representações e imaginários que cercam as pessoas trans e travestis no Brasil:

Tem uma imagem aqui no Brasil não sei como é na França mas imagino que não seja muito diferente da pessoa trans como alguém que é ao mesmo tempo sexual então a travesti a travesti a prostituta não é ou seja alguém que é que tem uma potência sexual muito grande porque ela pode ser mulher e ser homem nas relações sexuais então ela é um monstro potente no sentido sexual mas ela também é agressiva se você fizer alguma coisa com ela te bate ela xinga ela grita ela fala alto ela roda a baiana ela roda bolsinha essa imagem é uma imagem que cria sobre nós um estereótipo de violência e de marginalidade.

Nota-se que as pessoas entrevistadas pressupõem que possuem um determinado tipo de conhecimento que a pesquisadora não tem e, por isso, dedicam tempo para esclarecer o que estão dizendo à entrevistadora. Essa

⁷ As relações de poder nunca são completamente revertidas, mas podem ser parcialmente reduzidas.

atenção em definir e contextualizar suas declarações também contribui para a construção de um *ethos* específico nas entrevistas de pesquisa.

Desse modo, analisamos a construção desse *ethos* partindo da concepção aristotélica desse conceito, que diz respeito à credibilidade, à confiança e à reputação do orador como garantia de competência e de integridade para o ouvinte. Nossa fundamentação teórico-metodológica segue Maingueneau (2002) e Auchlin (2001) para explorar as estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito para se posicionar, concentrando-se, primeiro, nas variações diafásicas e diacrônicas.

2 Estratégias para a construção do *ethos*: variações diafásicas e diacrônicas das transidentidades

Primeiramente, é preciso definir a noção de *ethos* na qual baseamos este trabalho:

Não se trata de uma representação estática e bem definida, mas de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento do discurso do orador. O *ethos* não opera em primeiro plano, mas lateralmente; ele implica uma experiência sensível do discurso e mobiliza a afetividade do destinatário (Maingueneau, 2002, p. 56, tradução nossa)⁸.

Os critérios de "dinamismo" e de "movimento" nos permitem conceber o *ethos* como uma construção em constante evolução, uma vez que ele se refere não só ao interlocutor em transição - de gênero - mas também (e principalmente) ao interlocutor.

Também nos interessa, neste trabalho, a definição de Auchlin de *ethos*, que destaca o papel e os modos de tratamento do destinatário:

Podemos supor que o *ethos* é construído com base em dois mecanismos de processamento distintos: um baseado na decodificação linguística e no processamento inferencial de declarações; o outro no agrupamento de fatos em sintomas, uma operação do tipo diagnóstico que mobiliza recursos cognitivos da ordem empática (Auchlin, 2001, p. 92, tradução nossa)⁹.

⁸ No original: "Il ne s'agit pas d'une représentation statique et bien délimitée, mais plutôt d'une forme dynamique, construite par le destinataire à travers le mouvement même de la parole du locuteur. L'*ethos* n'agit pas au premier plan, mais de manière latérale, il implique une expérience sensible du discours, il mobilise l'affectivité du destinataire".

⁹ No original: "On peut supposer que l'*ethos* se construit sur la base de deux mécanismes de traitement distincts : l'un reposant sur le décodage linguistique et le traitement inférentiel des énoncés ; l'autre sur le

O sujeito deve, dessa forma, dominar a "(re)interpretação" dos códigos atribuídos aos gêneros feminino e masculino para minimizar o efeito de dissonância que poderia ser criado durante a interação. Esses "códigos" não são apenas linguísticos; eles reúnem toda uma gama de recursos multissemióticos (tom de voz, velocidade da fala, escolha de palavras e argumentos, gestos, expressões faciais, olhar, postura, roupas etc.) específicos do discurso masculino ou feminino ao se apresentarem (Goffman, 1973).

A noção de variabilidade, que depende do conteúdo do "diagnóstico" feito pelo interlocutor, é também primordial em nossa análise do *ethos*, pois condiciona o reconhecimento do orador pelo interlocutor, que valida ou invalida o critério de "passabilidade".

'Passar', conforme usado no contexto de raça e gênero, descreve uma situação de inteligibilidade na qual a percepção da raça ou do gênero do sujeito que passa é, na verdade, uma leitura equivocada. Para passar efetivamente, um sujeito é (mal) lido como "real". No caso de uma mulher que passa¹⁰, ela é lida como genuinamente masculina. A passabilidade de raça e de gênero exige marcadores legíveis estáveis para que o sujeito que passa possa adquirir, dominar e executar a aparência e as nuances da raça ou do gênero apropriados. A passabilidade é uma questão de legibilidade pública (e às vezes privada) e requer um espectador para legitimar a passagem. A passabilidade é performativa no sentido de que depende de um espectador para ser válida e exige a construção de uma inscrição visível e inteligível no corpo, contrária ao corpo racializado predeterminado ou ao corpo biologicamente sexuado do sujeito. Isso não quer dizer que um sujeito que passa não sinta o passar como essencial, integral ou 'real' (Maltz, 1998, p. 277-278, tradução nossa)¹¹.

Em outras palavras, o fato de ser reconhecido pelo interlocutor (por meio do uso do nome social e do pronome correto, por exemplo) atesta um *passing* "bem-sucedido" e confirma a identidade do sujeito trans. Isso nos remete à

regroupement de faits en symptômes, opération de type diagnostic, qui mobilise des ressources cognitives de l'ordre de l'empathie".

¹⁰ Precisamos enfatizar aqui que o uso de "mulher" e do pronome feminino para se referir a homens trans é indicativo de uma visão particularmente cisnormativa.

¹¹ No original: 'Passing', as used in the context of both race and gender, describes a situation of intelligibility in which the perception of the race or gender of the passing subject is actually a misreading. To pass effectively, a subject is (mis)read as 'real'. In the case of a passing female, as genuinely male. Race and gender passing require stable legible markers so that the passing subject can acquire, master, and perform the appearance and nuances of the appropriated race or gender. Passing is a question of public (and sometimes private) legibility and requires a spectator in order to legitimate the pass. Passing is performative in the sense that it relies on a spectator for validity and requires the construction of a visible, intelligible inscribed on the body counter to the predetermined racialized body or the biologically sexed body of the subject. This is not to suggest that a passing subject does not feel the pass as essential, integral, or 'real'".

noção de "performatividade" de Butler (2006, p. 13, tradução nossa), "É uma prática de improvisação que se desenvolve no interior de uma cena de coerção"¹², para explicar o equilíbrio e o controle da imagem projetada para os outros, que fazem parte das estratégias implementadas para contrabalançar os efeitos de uma possível dissonância, dependendo do contexto da enunciação.

Essa performatividade é vital para se compreender o contexto de uma transição de gênero, porque condiciona a vida cotidiana e o status social do indivíduo como um todo: autoestima, realização pessoal, educação, carreira etc.

Uma transição de gênero não implica um ponto de partida "nítido" do gênero designado para o gênero sentido; a expressão *transidentidade* indica um processo, um posicionamento marginal e limítrofe no espaço social. Esse espaço de identidade também é o local de experimentação e de confronto do sujeito com os vários critérios de validação do *passing*, com base nas normas binárias de gênero. O relato de B.2 nos dá um exemplo concreto dessa experiência:

Hoje em dia graças a muita luta uma mulher pode sair na rua de suvaco peludo pode sair na rua com pernas sem depilar ainda bem mas as pessoas agora podem fazer isso as mulheres podem muito bom mas se eu faço isso eu não existo eu não posso então é se você quer ser mulher ser mulher dói você tem que fazer depilação você tem que [...] fazer peeling fazer sabe procedimentos estéticos para se tornar mulher então você precisa virar a Vênus de Milo com braços é né é isso você tem que ser a mulher perfeita e padrão.

Nesse trecho, ela começa descrevendo o que considera um desenvolvimento positivo para as mulheres ("uma mulher pode sair na rua de suvaco peludo pode sair na rua com pernas sem depilar"; "ainda bem"; "muito bom"), alcançado por meio de luta ("graças a muita luta"). Ela apresenta seus argumentos como uma série de injunções ("uma mulher pode"; "as mulheres podem"; "para ser mulher você tem que"; "ser mulher"; "fazer peeling [...] procedimentos estéticos"; "você precisa virar"; "ser a mulher") em torno da depilação, uma injunção da qual as mulheres conseguiram se liberar. Ela também faz um paralelo entre a condição feminina e a depilação ("ser mulher dói você tem que fazer depilação"), o que significa que você precisa sofrer para ser reconhecida como mulher. Esse argumento nos chama atenção, porque a

¹² No original: "Le genre est une pratique d'improvisation qui se déploie à l'intérieur d'une scène de contraintes".

participante contrasta o desenvolvimento positivo descrito inicialmente – o fim da injunção de que as mulheres precisam se depilar – com uma obrigação que ainda parece relevante para ela (“mas se eu faço isso eu não existo eu não posso”): ela, portanto, destaca duas “categorias” de mulheres, as mulheres em geral e aquelas que “querem se tornar” mulheres. Essa categorização é visível em seu discurso a partir do momento em que ela deixa de falar sobre “mulheres” e o que elas “podem” fazer e passa a falar sobre o que precisa ser feito para ser uma mulher “perfeita e padrão”.

Esse exemplo nos permite destacar uma posição marginal na sociedade, na medida em que revela uma identidade social diferente da identidade feminina¹³.

Propomo-nos, assim, a analisar essa noção de identidade social para afinar nossa compreensão da construção do *ethos*, utilizando a definição de Charaudeau:

A identidade social precisa ser apoiada, fortalecida, recriada ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguístico do sujeito falante, e a identidade discursiva, para ser construída, precisa de uma base de identidade social. Portanto, será assumido que há uma diferença entre esses dois tipos de identidade e que é por meio de sua combinação que o poder de influência do sujeito falante é construído (Charaudeau, 2009, p. 19, tradução nossa)¹⁴.

Entendemos que a identidade social representa a base da identidade discursiva. No caso de nosso estudo, essa identidade social não é fixa, pois o *passing* do indivíduo trans precisa ser validado por seu interlocutor para que seja reforçado. Quando a passagem não é validada e o indivíduo se encontra em uma situação de rejeição, em que é tratado de acordo com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, a tentativa de recriar a identidade é “ocultada”, impede-se que a identidade social reivindicada se enraíze. Em outras palavras, a identidade discursiva do sujeito só pode se desenvolver em um contexto discursivo favorável.

¹³ “feminina” no contexto desse exemplo.

¹⁴ No original: “L’identité sociale a besoin d’être confortée, renforcée, recréée ou, au contraire, occultée par le comportement langagier du sujet parlant, et l’identité discursive, pour se construire a besoin d’un socle d’identité sociale. On posera donc qu’existe une différence entre ces deux types d’identité, et que c’est du fait de leur combinaison que se construit le pouvoir d’influence du sujet parlant”.

Durante nossas entrevistas, perguntamos às pessoas entrevistadas se percebiam uma diferença na forma como a sociedade reconhece as mulheres trans, homens trans e pessoas não binárias. Responderam unanimemente que há, de fato, diferenças, e cada uma delas expôs seus argumentos. Quando o foco estava nas mulheres, todas as brasileiras entrevistadas mencionaram outra identidade dentro do grupo: as travestis. Originalmente apresentadas como uma identidade distinta das mulheres trans, elas não são necessariamente incompatíveis em alguns casos¹⁵, como explicou B.2:

B.2 51:53

talvez é uma questão de performance assim né então e aí faz sentido [...] eu não tenho essa performance por isso que eu também [...] às vezes até tenho vergonha de falar eu sou travesti mas eu só falo isso quando estou com uma confiança muito grande então numa performance XYZ assim então aquilo lá eu sou travesti [...] vou fazer isso vou fazer aquilo então você se sente mais poderosa assim porque [...] são poderosas né o pessoal vai falar inglês né *fierce* então porque elas são incríveis assim não abaixa a cabeça assim

C. 52:35

Pessoas que lutam

B.2 52:37

Lutam muito exato então [...] às vezes eu entro nessa diferenciação às vezes

C. 52:44

Então depende do contexto

B.2 52:45

É eu uso não uso [...] mas eu me identifico sempre como mulher trans ao me perguntar assim informalmente [...] mas às vezes eu adiciono então eu sou mulher trans travesti etc mulher [...] eu tento manter qualquer referência isso não não é mau porque eu entendo a questão da diferença entre travesti e mulher trans no meu ambiente no meu trabalho é uma coisa muito é classe média classe média alta a palavra travesti pode até chocar [...] como chocou minha amiga

Aqui, a identidade travesti é apresentada como uma identidade singular que se relaciona com:

¹⁵ no contexto brasileiro.

- a noção de "performance": uma performance específica apresentada como um critério constitutivo dessa identidade ("é uma questão de performance"; "numa performance XYZ");
- um certo poder: um caráter forte, combativo e inspirador ("são poderosas"; "fierce"; "elas são incríveis"; "não abaixa a cabeça assim"; "lutam muito").

Essa identidade parece fazer parte de um contexto específico no qual não se está sistematicamente envolvida ("eu não tenho essa performance"; "eu só falo isso quando estou com uma confiança muito grande"; "eu entro nessa diferenciação às vezes"). Sente-se que só se encaixa nesse desempenho em uma determinada situação ("quando estou com uma confiança muito grande então numa performance XYZ assim então aquilo lá eu sou travesti"). Por um lado, essa identificação parece dar uma sensação de poder e confiança ("você se sente mais poderosa"). Por outro lado, na ausência dessa performance, não se sente legitimada a se identificar com travestis ("eu não tenho essa performance por isso que eu também [...] às vezes até tenho vergonha de falar eu sou travesti"). Poderíamos, dessa forma, traçar um paralelo entre a identidade social como base da identidade discursiva: a performance representa a base da identidade travesti (identidade social) e fornece acesso ao poder e à confiança necessários para se definir como travesti (identidade discursiva).

Nesse relato de B.2, também podemos destacar o fenômeno de identidades sociais sobrepostas, no qual os modos de expressão não são estáticos, estão ativamente sujeitos a mudanças, pois é possível que um indivíduo se envolva em várias práticas de identidade simultaneamente. Passando-se de uma identidade para outra, a depender da situação de comunicação, há variações diafásicas, que constituem o que Barrett chama de "identidade polifônica" (1999, p. 313, tradução nossa)¹⁶, ou seja, uma identidade híbrida e mista em que os discursos e as percepções podem se sobrepor ("às vezes eu adiciono então eu sou mulher trans travesti etc. mulher").

¹⁶ No original: "polyphonous identity".

Para essa noção de identidade, damos o exemplo de uma participante trans não binária (F.3), que, tendo um gênero fluido, alterna e sobrepõe suas identidades sociais e, portanto, discursivas:

[...] eu uso o pronome neutro e feminino [...] porque sou daquelas pessoas que têm um gênero que varia ao longo do tempo, por isso *genderfluid*, mas na verdade abrange todo o espectro de gênero, por isso é uma subcategoria que tem ainda outra subcategoria, por isso temos a primeira subcategoria que tem realmente o lado feminino que passa de agênero para feminino, por isso *genderfaer* [...], que varia entre agênero e feminino, mas com períodos masculinos ocasionais e eu ainda estou sob isso, estou apenas do lado agênero para o feminino ou isso varia ao longo do tempo e, por isso, o que chamamos de *genderfae* [...] e que é apenas agênero para feminino com 100% feminino às vezes (tradução nossa)¹⁷.

A participante relata o uso alternado de pronomes femininos e neutros sobre si mesma, definindo-se como *genderfae*, indicando que ela se envolve em, pelo menos, duas identidades discursivas distintas (em uma situação ideal com um diagnóstico positivo do interlocutor).

Além disso, o fato de ela mencionar "de agênero a feminino" e "100% feminino" sugere que há nuances entre as duas categorias e, portanto, há identidades misturadas e matizadas, principalmente, quando ela se refere à noção de "espectro de gênero".

Ela também menciona outra categoria de pessoas com gênero fluido denominada *genderfaer*, que, como a *genderfae*, usa, predominantemente, pronomes femininos e neutros, mas também passa por "períodos masculinos". Isso pressupõe que o sujeito também pode se identificar com o gênero masculino, tornando difícil medir um número de identidades discursivas - e sociais - nas quais ele pode estar envolvido.

A alternância no uso de pronomes pessoais entre pessoas não binárias de gênero fluido, desse modo, não é apresentada como uma variável fixa e predeterminada, mas como uma variação diacrônica, ligada a variações ao

¹⁷ [...] j'utilise le pronom neutre et féminin [...] parce que je fais partie de ces gens qui ont un genre qui varie dans le temps donc *genderfluid*, mais en fait ça prend tout le spectre du genre en fait c'est une sous-catégorie qui a encore une sous-catégorie donc on a la première sous-catégorie en fait qui a du côté féminin qui s'arrête de agenre jusqu'à féminin donc *genderfaer* [...] donc en fait ça varie entre agenre et féminin mais avec quand même de temps en temps des périodes masculines pour celui-là et moi du coup je suis encore en dessous je suis juste en fait du côté agenre à féminin ou ça varie dans le temps également et du coup ce qu'on appelle du coup *genderfae* [...] et ça bah c'est juste agenre à féminin avec quand même féminin à 100 % des fois.

longo do tempo ("um gênero que varia ao longo do tempo; varia ao longo do tempo; períodos").

Considerações finais

Em conjunto, os trechos de entrevistas analisados neste trabalho nos permitem destacar certos mecanismos-chave na construção do *ethos* das transidentidades (binárias e não binárias), em particular, as variações diafásicas e diacrônicas que podem consolidar ou enfraquecer a identidade social e discursiva do indivíduo. Ocupando um espaço limítrofe e marginal na esfera social, a validação do *passing* pelo interlocutor - obtido pela apropriação de recursos multissemióticos - requer o conhecimento do imaginário do receptor para poder adequar seu *ethos* ao momento da interação e, assim, minimizar situações de rejeição.

Ao cruzar as identidades de gênero e as identidades discursivas, pretendemos lançar luz sobre o processo de materialização de uma fala em tensão, em que a identidade do sujeito pode ser diluída, colocando-o facilmente em uma posição de inferioridade, como excluído, banido, ignorado ou desqualificado. A partir desta análise, seria interessante investigar a formação desses imaginários e representações (endógenos e exógenos) em trabalhos futuros, particularmente, por meio da contribuição de Pêcheux (1997, p. 84), que considera que "todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso" e que, assim, permite-nos aprofundar no processo de antecipação para observar os efeitos de sentido produzidos sob diferentes condições de produção.

Referências

AGRESTI, Giovanni. Une linguistique pour le développement social. In: ZOUOGBO, Jean-Philippe Claver; MÉTANGMO-TATOU, Léonie (Orgs.). **Linguistique pour le développement. Concepts, contextes et empiries**. Paris: Editions des archives contemporaines, 2022, p. 31-45.

AUCLIN, Antoine. Ethos et expérience du discours : quelques remarques. In: WAUTHION, Michel; SIMON, Anne-Catherine (Éds.). **Politesse et idéologie**. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelle. Louvain: Peeters, 2001, p. 77-95.

BARRETT, Rusty. Indexing polyphonous identity in the speech of African American drag queens. In : BUCHOLTZ, Mary; LIANG, A. C; SUTTON, Laurel A. (Éd.). **Reinventing identities: the gendered self in discourse**. New York Oxford : Oxford University Press. Studies in language and gender, p. 313-331, 1999. ISBN 978-0-19-512630-3.

BUTLER, Judith. Agir de concert In: BUTLER, Judith. **Défaire le genre**. Paris: Amsterdam, 2006, p. 13-30.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identités sociales et discursives du sujet parlant**. Paris: l'Harmattan, 2009.

GOFFMAN, Erwing. **La présentation de soi**. Paris: Ed. de Minuit, 1996.

CHETCUTI, Natacha; GRECO, Luca. Théories féministes, théories linguistiques et enjeux catégoriels. In: CHETCUTI, Natacha; GRECO, Luca. (Éds.). **La face cachée du genre**. Paris : Presses Sorbonne Nouvelle, 2012, p. 9-19.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. Problèmes d'ethos. **Pratiques**, v. 113, n. 1, p. 55-67, 2002.

PÊCHEUX, Michel, Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61-105.

MALTZ, Robin. Real butch: The performance/performativity of male impersonation, drag kings, passing as male, and stone butch realness. **Journal of Gender Studies**, Informa UK Limited, nov. 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09589236.1998.9960721>.

ZOUOGBO, Jean-Philippe Claver; MÉTANGMO-TATOU, Léonie (Orgs.). **Linguistique pour le développement. Concepts, contextes et empiries**. Paris: Editions des archives contemporaines, 2022.